



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

O CONFLITO TAILÂNDIA–CAMBOJA: rivalidades territoriais e pressões geopolíticas globais

Tales Henrique Nascimento Simões
tales.simoes@ufff.br

Apresentação Oral (GT)

GT pretendido: 5 - Integração Regional, Regionalismo e Novos Espaços de Cooperação e Conflito Internacional

RESUMO

O conflito fronteiriço entre Tailândia e Camboja, reativado em meados de 2025, configura uma das crises mais graves de segurança no Sudeste Asiático na última década. O enfrentamento armado, concentrado na região do templo de Preah Vihear e áreas adjacentes, resultou em dezenas de mortos, deslocamento de civis e deterioração das relações bilaterais. Este trabalho analisa o conflito a partir de quatro eixos articulados: (1) o histórico territorial e geopolítico da disputa; (2) as dinâmicas domésticas na Tailândia e no Camboja que alimentam a confrontação; (3) a atuação dos atores regionais — com destaque para a mediação da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) sob liderança da Malásia — e dos atores globais, sobretudo China, Estados Unidos e ONU; e (4) as dinâmicas geopolíticas no Indo-Pacífico em meio ao conflito. O objetivo é demonstrar como a interação entre a crise regional e as grandes estratégias globais redefine agendas de segurança, mecanismos de mediação e limites da autonomia regional da ASEAN, além de analisar como a combinação entre rivalidades interestatais regionais e pressões do sistema internacional molda a atuação dos Estados do bloco. A pesquisa utiliza metodologia qualitativa, baseada em análise de documentos e discurso oficiais, monitoramento de eventos regionais e análises de especialistas. Os resultados indicam que, em 2025, o conflito Tailândia–Camboja tornou-se um ponto sensível para a diplomacia regional, revelando tanto a fragilidade dos instrumentos de resolução de controvérsias do bloco quanto a crescente influência das grandes potências sobre as decisões internas dos governos do Sudeste Asiático.

Palavras-chave: Tailândia; Camboja; ASEAN; Indo-Pacífico; Geopolítica.

INTRODUÇÃO

O conflito fronteiriço entre Tailândia e Camboja, particularmente em torno do templo de Preah Vihear e de setores adjacentes ainda não delimitados, constitui uma disputa histórica, marcada por episódios intermitentes de violência desde o século XX. Em 2025, a escalada das tensões culminou em confrontos armados de grande intensidade, envolvendo artilharia pesada, drones, ataques a vilarejos e deslocamento forçado de centenas de milhares de civis. O recrudesimento da violência reacendeu preocupações sobre a estabilidade do Sudeste Asiático, que, desde 2012, não enfrentava choques militares significativos entre Estados-membros da Associação dos Estados do Sudeste Asiático (ASEAN).

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Nas últimas décadas, o Sudeste Asiático consolidou-se como uma das regiões mais dinâmicas e sensíveis da geopolítica contemporânea, posicionada no centro das disputas estratégicas entre Estados Unidos e China no Indo-Pacífico. Autores como Shambaugh (2020) consideram que a competição estratégica sino-estadunidense, de caráter multifuncional, complexa e abrangente, encontra no Sudeste Asiático um verdadeiro microcosmo, por reunir praticamente todos os elementos de sua rivalidade – sistemas políticos, diplomacia, comércio, segurança, ideologia, valores, cultura, governança global, entre outros – nesse espaço geográfico.

Dentro desse cenário, conflitos territoriais historicamente latentes ganham novos contornos, influenciados tanto por dinâmicas domésticas quanto por pressões sistêmicas. O conflito entre Tailândia e Camboja tornou-se um dos principais focos regionais de instabilidade, ao evidenciar as fragilidades dos mecanismos de resolução de controvérsias da ASEAN e a crescente interferência de potências extrarregionais nos assuntos da organização regional.

Este estudo tem como objetivo geral analisar de que modo o conflito tailandês-cambojano, na conjuntura específica do ano de 2025, é reconfigurado pela arquitetura de poder geopolítico no Indo-Pacífico e pelas estratégias de reposicionamento dos Estados Unidos durante o primeiro ano do segundo mandato de Donald Trump (2025-2028). Como objetivos específicos, buscaremos realizar uma análise sob o prisma da Geografia Política e das Relações Internacionais em quatro diferentes frentes. Em primeiro lugar, caracterizaremos a evolução recente da disputa fronteiriça à luz dos eventos mais recente. Em seguida, deveremos compreender os limites institucionais da ASEAN e suas dificuldades em promover mediação efetiva. Em terceiro lugar, examinaremos o papel dos EUA e da China e suas implicações para o equilíbrio de poder regional. Por fim, avaliaremos como a intensificação do conflito se insere nas dinâmicas mais amplas de competição sino-americana e na reconfiguração geopolítica do Sudeste Asiático.

A pesquisa parte da hipótese de que o agravamento da disputa não pode ser explicado tão-somente pela rivalidade histórica entre Tailândia e Camboja, mas deve ser compreendido como corolário da sobreposição das tensões interestatais e a reconfiguração do sistema internacional, na qual fatores como a segurança regional, as disputas discursivas e as agendas geoestratégicas externas desempenham papel crucial. Uma segunda hipótese aponta para a incapacidade da ASEAN de atuar de forma coesa para a solução de controvérsias regionais, o que contribui para a persistência da crise e sinaliza os limites estruturais do modelo de governança regional baseado no consenso e no apego exacerbado a princípios como a não intervenção nos assuntos internos dos demais Estados (Simões, 2020).

A justificativa deste estudo assenta-se na relevância analítica de compreender como conflitos intrarregionais, muitas vezes considerados periféricos, revelam transformações profundas e duradouras na lógica de poder geopolítico regional, particularmente no Sudeste Asiático e na região do Indo-Pacífico. Ao articular as escalas local, regional e global, a pesquisa buscará contribuir para o debate sobre questões como disputas militares interestatais, territorialidade, mediação de controvérsias em âmbito multilateral e a busca pelo exercício de influência por parte das potências regionais e

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongeo2026](https://www.instagram.com/vcongeo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.facebook.com/vcongeo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

globais, oferecendo elementos para interpretar não apenas o caso Tailândia–Camboja, mas também os desafios contemporâneos enfrentados pela ASEAN diante de uma crescente polarização estratégica.

Nossa pesquisa deverá explorar as dimensões desta crise, que expôs simultaneamente as vulnerabilidades domésticas de Tailândia e Camboja, as pressões estruturais da geopolítica regional, os limites da ASEAN e sua arquitetura de segurança regional e o envolvimento crescente de atores externos, notadamente os Estados Unidos e a China, além de atores regionais como a Índia e o Japão. Ademais, buscaremos conferir atenção especial aos Acordos de Paz de Kuala Lumpur, assinados em 26 de outubro de 2025, os quais ilustraram os esforços regionais e extrarregionais para interromper o conflito.

METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico, combinando procedimentos exploratórios, para mapear eventos recentes, e procedimentos explicativos, com vistas a compreender a interação entre as dinâmicas locais – o conflito Tailândia–Camboja – e as pressões em âmbito sistêmico – notadamente a competição estratégica EUA–China. Buscaremos interpretar fenômenos geopolíticos regionais contemporâneos a partir do arcabouço teórico-conceitual da Geografia Política Clássica e Contemporânea e das Relações Internacionais.

A abordagem qualitativa basear-se-á, principalmente, na análise documental (comunicados e declarações oficiais, pronunciamentos e notas de imprensa internacionais), revisão bibliográfica da literatura acadêmica e análises de conjuntura para integrar a dimensão doméstica, regional e sistêmica (estudos estratégicos e análises de especialistas e think tanks). A seleção das fontes seguirá critérios de atualidade, relevância política e consistência metodológica, que permita construir uma interpretação multiescalar do conflito, ilustrando como os fatores domésticos, regionais e globais se entrelaçam na conflagração das tensões geopolíticas recentes no Sudeste Asiático e os interesses das potências regionais e globais.

ANÁLISE DE RESULTADOS

O conflito entre Tailândia e Camboja em 2025 constitui um caso emblemático da sobreposição entre tensões interestatais históricas e dinâmicas geopolíticas contemporâneas no Sudeste Asiático. Embora a disputa territorial remonte ao período colonial e ao contencioso jurídico internacional em torno do templo de Preah Vihear — cuja posse foi reafirmada à soberania cambojana pela Corte Internacional de Justiça em 1962 e novamente clarificada em 2013 —, os eventos recentes demonstram que a reincidência de confrontos não pode ser compreendida apenas a partir de uma lógica histórico-territorial. Ao contrário, o agravamento da crise deve ser interpretado como corolário de um ambiente regional marcado pela crescente

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

competição estratégica entre Estados Unidos e China, pelas atribuições enfrentadas pela ASEAN e por vulnerabilidades políticas domésticas na Tailândia e no Camboja.

No âmbito doméstico, observa-se que a Tailândia atravessa um período de forte instabilidade institucional, no qual a relação entre o governo civil, o establishment militar e a monarquia permanece delicada. Essa conjuntura cria um terreno fértil para a adoção de discursos nacionalistas, frequentemente mobilizados para reforçar a legitimidade política interna. Depois de quase dez anos sob um regime militar autoritário (2014-2023)¹, a Tailândia encontra-se assolada por governos frágeis e instáveis, tendo empossado três-primeiros ministros em três anos. No Camboja, o governo Hun Manet – que se consolidou no poder em agosto de 2023 – busca consolidar sua autoridade após suceder seu pai, Hun Sen², e manter estabilidade política enquanto lida com pressões econômicas e sociais. Vale ressaltar que, em ambos os países, o conflito fronteiriço também opera como instrumento de coesão nacional, o que dificulta medidas unilaterais em prol da solução das controvérsias interestatais.

Em escala regional, os resultados apontam para a limitada capacidade da ASEAN de exercer papel efetivo de mediação ou prevenção de conflitos. O princípio do não-conflito e a regra do consenso impedem respostas coordenadas, especialmente quando Estados-membros têm alianças assimétricas com as grandes potências. A tentativa de ativar mecanismos de diálogo e missões de bons ofícios mostrou-se insuficiente diante da ausência de pressão política significativa e da falta de instrumentos vinculantes dentro do bloco. Essa fragilidade institucional reforça a percepção de que a ASEAN é um ator incapaz de responder a conflitos interestatais quando estes envolvem disputas territoriais sensíveis, como ilustra também o cenário de conflito armado em larga escala em outro de seus países-membros, Mianmar, desde o golpe militar de fevereiro de 2021.

A presença das potências extrarregionais, particularmente Estados Unidos e China, intensificou ainda mais este cenário. No contexto do segundo mandato de Donald Trump, os EUA passaram a adotar uma postura ambígua, articulando apoio

¹ O último período dominado por militares na Tailândia começou com o golpe de Estado em maio de 2014, liderado pelo general Prayuth Chan-ocha. Esse regime militar permaneceu no poder de forma direta até 2019, quando ocorreram eleições gerais e Prayuth Chan-ocha se tornou primeiro-ministro de um governo civil, embora com forte continuidade e influência militar. A influência política das forças armadas tailandesas persistiu, e só teve redução significativa após as eleições de maio de 2023, que levaram à formação de um governo de coalizão civil. No entanto, o establishment militar-realista mantém forte poder político por meio de instituições como o Senado, cujos membros foram totalmente nomeados durante o regime anterior.

² Hun Sen tornou-se primeiro-ministro do Camboja pela primeira vez em janeiro de 1985, ainda no contexto da invasão vietnamita de seu país (1979-1989), e permaneceu no cargo até 1993, quando houve eleições democráticas. Essa primeira eleição acabou resultando em dois primeiros-ministros: Norodom Ranariddh como primeiro-ministro e Hun Sen como segundo. Devido ao seu descontentamento como segundo-ministro, Hun Sen lançou um golpe sangrento contra Ranariddh em 1997, começando um novo mandato que duraria de 1998 até 2023, quando passou o poder ao seu filho, Hun Manet (Po; Primiano, 2020).

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

militar ou diplomático a partir de contrapartidas estratégicas, especialmente no que se refere ao alinhamento contra a China no Indo-Pacífico. A Tailândia, tradicional aliada dos EUA, tende a receber incentivos para contrabalançar a presença chinesa no Camboja, cuja proximidade com a China — expressa em investimentos, acordos militares e cooperação política — é percebida pelos estadunidenses como um vetor de ampliação da influência chinesa no Sudeste Asiático (Busbarat, 2017). Por sua vez, o Camboja vem adotando uma política de forte alinhamento com a China como estratégia de sobrevivência do regime. A China tornou-se o principal apoiador nos âmbitos político, econômico e securitário do governo cambojano, oferecendo proteção contra pressões externas e ameaças internas. Em troca, o Camboja passou a servir aos interesses estratégicos chineses no Sudeste Asiático, fornecendo apoio diplomático, presença estratégica e contribuindo para a consolidação da China como potência central na região (Po; Primiano, 2020).

O papel da China evidencia uma estratégia pragmática, ao buscar preservar a estabilidade regional necessária à continuidade de seus investimentos na Bacia do Mekong e no âmbito do megaprojeto de infraestrutura da Nova Rota da Seda. Os chineses buscam evitar que o conflito militar prejudique sua imagem de ator “responsável” e defensor da ordem regional, ao mesmo tempo em que reforça o apoio político ao governo cambojano e intensifica suas relações com os tailandeses. Essa postura demonstra como a China procura equilibrar solidariedade estratégica e pragmatismo geoeconômico. Assim, a retomada das hostilidades fronteiriças também reflete um tabuleiro geopolítico no qual o conflito local funciona como expressão diretas de disputas sistêmicas mais abrangentes.

A análise também revela que organismos da governança global tentaram desempenhar papel moderador, ainda que com eficácia limitada. A ONU, em especial o Secretário-Geral e o Alto Comissariado de Direitos Humanos, emitiu comunicados e apelos urgentes pela contenção das hostilidades, evocando o direito internacional humanitário, a proteção de civis e o retorno ao quadro de negociações definido na Declaração Conjunta de Kuala Lumpur. É importante notar que as declarações oficiais, embora importantes no plano normativo, não impediram a continuidade dos ataques nem tiveram força para impor mecanismos formais de monitoramento, uma vez que ambas as partes não solicitaram tal intervenção nem houve consenso no Conselho de Segurança para medidas mais contundentes, outro sinal da influência das grandes potências nos destinos da região.

No conjunto, os resultados demonstram que a retomada do conflito Tailândia–Camboja em 2025 expressam as limitações estruturais da ASEAN, as disputas estratégicas entre potências globais e as pressões políticas internas que moldam as decisões dos governos envolvidos. Trata-se, assim, de um conflito regional que adquire relevância sistêmica ao refletir tendências mais amplas de competição estratégica e transformação da ordem internacional no Indo-Pacífico. A persistência da violência e a frágil capacidade de mediação multilateral apontam para a necessidade de repensar mecanismos regionais de segurança e fortalecer instrumentos de resolução de conflitos que transcendam o modelo consensual

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongeo2026](https://www.instagram.com/vcongeo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.facebook.com/vcongeo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

tradicional, cuja eficácia se mostra cada vez mais insuficiente diante dos desafios contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo busca demonstrar que o conflito fronteiriço Tailândia–Camboja só pode ser plenamente compreendido quando situado na articulação entre fatores domésticos e nas dinâmicas geopolíticas mais amplas do Sudeste Asiático. Os resultados confirmam a hipótese apresentada: a disputa territorial não é apenas bilateral, mas integra um contexto de competição estratégica entre grandes potências e de limitada capacidade regional de gestão de crises. Verificou-se que a ASEAN preserva relevância normativa, embora com baixa eficácia de mediação, enquanto a ONU atua sobretudo no plano humanitário e de apelos ao cessar-fogo. Os Estados Unidos exerceram influência decisiva ao intermediar os Acordos de Kuala Lumpur, mas permanece marcada pelo caráter intervencionista, unilateralista e imprevisível da política externa do governo Trump. A China, por sua vez, esforça-se para influenciar os cálculos estratégicos de Tailândia e Camboja, de modo a consolidar-se como ator central no Sudeste Asiático. O trabalho contribui para a literatura acadêmica ao evidenciar como disputas territoriais refletem a reconfiguração da ordem regional e a crescente competição entre potências. Estudos futuros podem comparar este caso a outros conflitos fronteiriços no Sudeste Asiático, explorar como atores extrarregionais influenciam a gestão de disputas fronteiriças em contextos de crescente multipolaridade ou analisar os mecanismos de solução de controvérsias da ASEAN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSBARAT, P. Thai–US relations in the post-Cold War era: untying the special relationship. **Asian Security**, v. 13, n. 3, p. 256-274, 2017.
- PO, S.; PRIMIANO, C. B. An “ironclad friend”: Explaining Cambodia’s bandwagoning policy towards China. **Journal of Current Southeast Asian Affairs**, v. 39, n. 3, p. 444-464, 2020.
- SHAMBAUGH, D. L. **Where Great Powers Meet: America and China in Southeast Asia**. Oxford University Press, 2020.
- SIMÕES, T. H. N. Soberania, poder e território: O caso do Sudeste Asiático. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 30, p. 422-437, 2020.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

📅 26 a 31/05/2026
📍 Porto Velho-RO
✉ vcongeo2026@unir.br
📱 @vcongeo2026
🌐 vcongeo2026.unir.br
🔗 www.even3.com.br/vcongeo-638599/